

Pesquisa, mediação, fruição – Crítica da peça *E se?* da Cia do Trailer

Por Daniele Avila Small¹

Na noite de domingo de 24 de outubro, depois de um dia de trabalho intenso, assisti a uma apresentação no Zoom da peça *E se?* da Cia do Trailer – Teatro em Movimento. O grupo tem pesquisado a linguagem do *audiotour* no teatro há alguns anos. Nesta peça, fazem uma incursão pela obra de Samuel Beckett – não necessariamente pelas peças de teatro, mas pelas outras linguagens experimentadas pelo autor, e não necessariamente com a intenção de fazer uma exposição no sentido literal. De qualquer modo, tive a impressão de que entre o que o grupo tem a dizer sobre o material pesquisado e o que chega na materialidade do espetáculo, a distância pode ser longa demais para o público (seja leigo ou especializado) atravessar sem guia.

A peça me pareceu um exercício de linguagem do teatro no Zoom, no qual o que está em jogo é a experimentação de procedimentos. Como em qualquer linguagem das artes, a experimentação de procedimentos pode resultar em obras muito instigantes. Mas também se assume, com essa opção, na diversidade de humor e disponibilidade dos espectadores, a possibilidade do fracasso. E a

¹ Daniele Avila Small (Rio de Janeiro, 1976) é artista de teatro, crítica e curadora. Doutora em Artes Cênicas pela UNIRIO (2019), Mestre em História Social da Cultura pela PUC-Rio (2013) e Bacharel em Teoria do Teatro pela UNIRIO (2009). É idealizadora e editora da revista *Questão de Crítica* e presidenta da seção brasileira da Associação Internacional de Críticos de Teatro (AICT-IATC). Tem se dedicado a projetos de formação, teoria e crítica de teatro desde 2011. Em 2017, estreou na direção com *Há mais futuro que passado – um documentário de ficção*. A dramaturgia foi publicada em edição bilíngue português/inglês pela Editora Javali, em 2018. Atualmente, tem se dedicado a ministrar cursos livres no ambiente virtual do Núcleo FAC, com foco em crítica de teatro e análise de espetáculos brasileiros e de outros países latino-americanos.

elaboração poética do fracasso está em pauta quando o teatro faz referência a Beckett.

Na peça, em um primeiro momento, a dramaturgia se volta sobre si mesma na lida com esse repertório específico da história do teatro. As escolhas da encenação se dedicam especialmente a coreografar a relação entre texto e fala, dando a estes elementos um tratamento abstrato, como se fossem simplesmente timbres e sons, formas e cores. As atuações se detêm sobre modos aleatórios de ocupar o tempo: falar muito rápido, falar imprimindo efeitos não cotidianos sobre a voz, dizer o texto com uma combinação específica de movimentos entre o elenco, executar uma determinada partitura coreográfica com a cabeça, executar outra partitura só com os olhos, e assim por diante.

Em seguida, quando a plateia se divide em salas simultâneas, em pelo menos uma das salas, vemos um exercício de cores. Um texto declamado ficou um pouco eclipsado pela trilha sonora, imagino que de propósito. Partituras de movimento se repetem, com variações de andamento, em mais uma alusão aos exercícios de atuação. A dramaturgia parece se esforçar para preencher o tempo. Já está estabelecido, no frágil pacto com o espectador, que não faz sentido ter expectativa de produzir sentido. Os fragmentos nem se encaixam nem se sustentam sozinhos. Estamos no universo dos despropósitos, em uma dimensão de desolação.

Na terceira parte, somos conduzidos para fora do Zoom, para assistirmos no YouTube a algum dos vídeos curtos que podemos escolher. Aí temos o apelo das imagens externas da cidade. A plasticidade dos vídeos me trouxe uma abertura para a imaginação que os exercícios no Zoom não estavam me oferecendo. Penso que este não é um espetáculo para se ver no nível de cansaço em que me encontro, mas que talvez a inversão da ordem dos fatores poderia ter alterado o resultado para mim. E digo “para mim” para evidenciar que não estou reivindicando falar em nome do público, pelo contrário: recolho-me ao pouco que alcanço para justamente daí tentar me comunicar.

Na sequência, comentários sobre a vida contemporânea nos são apresentados em partes, como acontece com a visualidade dos corpos, recortadas pelo alcance das câmeras dos computadores. Curiosamente, os pés, mãos, barriga e orelha, em um primeiro momento, parecem mais animados que os rostos do início da peça, mas logo as imagens voltam a ficar reconhecíveis, com uma

movimentação aleatória dos corpos e explorações das casas e das janelas onde estão os atores.

É mesmo complicado transpor uma proposta originalmente pensada para se dar em deslocamento presencial para uma plataforma virtual. Mas não é desinteressante imaginar deslocamentos onde a princípio parece que só podemos ficar parados. A rota que procurei atravessar, na experiência da peça como na escrita deste texto que já nasce fracasso, foi a que me levaria para dentro da experiência de interagir com a peça. É nesse sentido que me pergunto se não valeria a pena criar um *audiotour* do processo criativo, e fazer da mediação uma chave possível de fruição.

Na sequência, uma conversa com o grupo, na qual alguns integrantes contextualizaram a criação da peça, expondo as questões que estavam em jogo para os artistas durante o processo e na continuidade da pesquisa. Depois da conversa, fiquei fantasiando a possibilidade de que essa ação de mediação tivesse se dado em uma ordem invertida, como uma espécie de prólogo. Ou ainda, imaginei que a contextualização poderia se dar durante a peça de algum modo, como uma visita guiada à criação, uma desmontagem simultânea do trabalho. Como nos extras dos já antigos DVDs, que ofereciam a possibilidade de ver o filme com “comentários do diretor ou da diretora”. Um outro tipo de *audiotour*, crítico e investigativo da própria pesquisa do grupo. Será?